

**18 de abril de 2001**

A discussão de *Présentation de Sacher-Masoch* de Gilles Deleuze começou com uma exposição feita pela doutoranda Cíntia Vieira da Silva. Esta destacou os dois caminhos percorridos por Deleuze para assinalar a incorreta identificação do sadismo com masoquismo: a análise dos textos de Freud e a análise dos textos de Sade e de Masoch. Segundo ela, o autor refere-se basicamente ao tema do instinto de morte para destacar aí a noção de repetição, retomada em "Diferença e Repetição" e que possibilitará a Deleuze pensar uma síntese do tempo, impossível no interior da filosofia de Kant. Também ressaltou que o interesse de Deleuze em Sade e Masoch reside nas atitudes de ambos perante à lei - a atitude irônica de Sade e a humorística de Masoch -, implicando em uma reversão, em uma subversão do platonismo.

Em seguida, ressaltou-se a tarefa crítica da filosofia de Deleuze: revelar o engodo e a falsidade da suposta entidade sadomasoquista construída pela psicanálise. Deleuze mostraria a diferença radical entre o sadismo e o masoquismo, indicando que ambos são animados por vontades de poder diferentes. A filosofia de Deleuze teria como pano de fundo a dialética do senhor e do escravo<sup>1</sup>, presente na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, mas interpretada dentro da ótica da filosofia de Nietzsche. O escravo se definiria em oposição ao senhor, mas este ignoraria por completo o escravo. As duas vontades de poder, presentes em Sade e Masoch, seriam manifestações da posição do senhor e não da do escravo, ou seja, seriam manifestações produtivas e não reativas. Masoch descreveria uma esfera em que o pai está ausente, excluído, uma esfera que não tem o falo como referência. Em Sade, a crença materialista seria levada às últimas conseqüências e, longe de afirmar os ideais do iluminismo, conduziria ao reino da violência sem fim. Assim, masoquismo e sadismo seriam formas produtivas, positivas do ser masoquista e do ser sádico e não formas de reação de um ao outro. A psicanálise, ao identificar masoquismo e sadismo numa entidade comum, interpreta-os como formas reativas e funcionaria, por conseguinte, como uma espécie de aparelho para domar o sujeito (idéia presente na crítica que Deleuze faz a Lacan deste ser um padre moderno). A psicanálise detecta de uma maneira deformada, reativa, formas produtivas presentes na sociedade, destruindo, com sua tela interpretativa, o próprio fenômeno.

Questiona-se, porém, o valor de uma crítica feita a uma entidade clínica (sadosomasoquismo) baseada na literatura (nos textos de Masoch). Foi apontado que Deleuze, apesar de denunciar a pretensa complementaridade do sadismo e masoquismo, recorre ao sadismo do masoquista e ao masoquismo do sádico para revelar ambas estruturas.

Em resposta, ressalta-se que, para Deleuze, não haveria qualquer problema em passar do âmbito da crítica literária para o domínio da clínica, pois ambos revelam o funcionamento do desejo. Há estruturas produtivas na sociedade que podem ser descritas por literatos. Estes podem descrever as posições extremas possibilitadas por aquelas estruturas. No entanto, os psicanalistas parecem ter como função, como ambição, transformar essas posições em patologias e procurar, assim, dissolvê-las. Tanto os escritores quanto os psicanalistas revelam a vontade de poder presente nestas estruturas. No caso presente, Deleuze parece sugerir

---

<sup>1</sup> A questão sobre a dialética entre o senhor e o escravo encontra-se discutida no seminário do dia 29 de abril de 2002.

que Sade e Masoch revelam essas vontades de poder como forças ativas e a psicanálise como reativas. Em suma, a crítica de Deleuze não se daria no plano da clínica, tampouco seria uma crítica literária. Ela seria uma crítica filosófica que pode ter implicações sobre a clínica psicanalítica.

Por fim, é possível apontar que, apesar da denúncia de Deleuze à má metafísica presente em Freud e Lacan, ele considera que há elementos na própria teoria psicanalítica que denunciam esta má metafísica. Por exemplo, a noção de instinto de morte, a assimetria entre o masculino e o feminino, as noções de ideal do eu, eu ideal, super eu que, dessubstancializadas, auxiliariam à compreensão das formas produtivas descritas por Sade e Masoch.

Para o próximo seminário decidiu-se discutir o primeiro doutrinal de Lacan, tal como é apresentada em *A obra clara* de Milner.